

NOTA PARA A EDIÇÃO SUL- -AFRICANA E EM PORTUGUÊS DESTE LIVRO

Quando escrevi este livro, era importante para mim saber que leitores angolanos teriam acesso a ele – deveria, então, estar disponível em português. Eu também mantive os direitos para a distribuição “africana” para que então ele pudesse ser acessível para leitores da África do Sul. As políticas do conhecimento formam a linha de frente e são centrais no texto que se segue.

Os eventos de lançamento do livro original, produzido no Canadá, foram todos cancelados em virtude do surto de COVID-19, e, neste ínterim, a versão do livro que você está lendo nasceu. Era difícil imaginar algo semelhante à COVID-19 quando o *Da Água ao Vinho* foi escrito pela primeira vez, mas a pandemia colocou muitos dos temas do livro em relevo.

Cinco observações simples precisam, portanto, ser feitas como um ponto de partida para leitores em um mundo bastante modificado:

Primeiramente, a COVID-19 nos mostrou de maneira muito nítida que o mundo presta muito mais atenção quando corpos brancos morrem. Enquanto o vírus em si nos afeta a todos, o “choque” global foi maior quando os ricos sistemas de cuidado em saúde europeus ficaram sobrecarregados. Este é um importante ponto de reflexão quando consideramos os letramentos visuais de nativos digitais, enraizados em histórias de representação muito mais longas – elas próprias subsidiadas pelo Império e pelo capitalismo extrativista.

Em segundo lugar, em uma crise, o passaporte que você carrega importa. O critério de escolha de quem foi evacuado e/ou repatriado e/ou reunido às suas famílias, a partir de onde e a qual velocidade variou significativamente à medida que as fronteiras foram se fechando ao redor do mundo. Victoria, que figura com destaque neste livro, estava ajudando amigos angolanos que haviam viajado para a Cidade do Cabo para tratamento médico quando todos os voos foram cancelados. Eles levaram 109 dias para voltar para casa, e, quando o fizeram, retornaram diante de incerteza e insegurança significativas.

Em terceiro lugar, enquanto escrevo isso, ainda é obscuro para mim como a COVID-19 irá se comportar em Angola, e quais serão as consequências de longo prazo. É provável que, ao menos a curto ou médio prazo, a vida se tornará mais difícil, mais cara e mais complexa para a maioria das pessoas, e que sistemas já restritos podem se tornar ainda mais apertados. É claro que haverá inovação, bondade e práticas notáveis de cuidado, mas a “carga mental” que este livro descreve quase certamente aumentará de maneira significativa.

Em quarto lugar, ainda não sabemos quando as fronteiras se abrirão, nem como. Viagens provavelmente se tornarão muito mais caras e ainda mais inacessíveis àqueles que não têm acesso a determinados privilégios – inclusive ao privilégio de serem considerados dignos de receber vistos internacionais. Eu tinha esperanças de que esse livro encorajaria viagens para Angola, mas, neste momento, é difícil dizer como isso poderá se dar. Fronteiras – reais, simbólicas, imaginadas, políticas – permanecem agora como um ponto de interrogação no texto como um todo.

Finalmente, gostaria de defender o acesso a dados enquanto um direito humano. À medida que a pandemia devastava sistemas no mundo todo, o “distanciamento social” tornou-se um atalho aceito no vocabulário global, mas é um discurso preguiçoso. “Distanciamento físico” é o privilégio daqueles que podem trabalhar de suas casas e manter seus corpos seguros – sua comida entregue em casa, sua educação continuando de forma praticamente ininterrupta, psicoterapia, religião, exercício e entretenimento sintonizados online –, mas o distanciamento físico não é, de forma alguma, equivalente ao distanciamento social.

Quase ninguém está praticando “distanciamento social” neste momento. Pelo contrário, o que está acontecendo é que, no mundo todo, aqueles que têm fácil acesso a informações e dispositivos podem transformar seus trabalhos, diversões e até amores em algo online e continuar não-exatamente-como-antes, mas ainda nutridos e conectados com as necessidades humanas básicas de comunidade e presença atendidas. O toque – que também figura com destaque neste livro – é muito mais complexo, mas a conexão como a conhecemos agora é amplamente viabilizada pelo acesso aos dados e às informações.

Se aceitarmos que todos os seres humanos precisam de conexão, então o acesso aos dados e informações precisa tornar-se um direito humano como o acesso à água potável, alimentação e ao abrigo, e precisamos imaginar coletivamente novas formas de prover isso. É bem sabido que o custo de dados e informações na África é muito mais alto do que na maioria das outras partes do mundo, e também que, quando disponível, a possibilidade de as pessoas encontrarem emprego, iniciarem negócios e aprenderem habilidades relevantes aumenta exponencialmente. Em uma sociedade do conhecimento, pode-se argumentar que os dados e informações provêm vida. Em um mundo fisicamente distante, eles a sustentam através da re-

lacionalidade. Então, a pergunta permanece: quando ocorrem as discussões sobre inclusão, quem fica de fora da sala (virtual)?

Jess Auerbach
Cidade do Cabo
Julho de 2020

